

A cólera nada edifica e nada restaura...
Apenas semeia desconfiança e temor, ao redor
de teus passos.

Não ameaces com a voz, nem te insurjas
contra ninguém.

E' provável que guardes alguma reclamação
contra mim, meu pai, porque eu também sou
ainda humano. No entanto, filho, acima de nós
ambos permanece o Pai Supremo e que seria de
ti e de mim, se Deus, um dia, se encolerizasse
contra nós?

XXVIII

A PREGAÇÃO FUNDAMENTAL

Um aprendiz de Nosso Senhor Jesus-Cristo
entusiasmou-se com os ensinamentos do Evan-
gelho e decidiu propagá-los, enquanto vivesse.
Leu, atencioso, as lições do Mestre e começou a
comentá-las por toda parte, gastando dias e
noites nesse mister.

Chegou, porém, o momento em que precisou
pagar as próprias despesas e foi compelido a
trabalhar.

Empregou-se sob as ordens de um orienta-
dor que lhe não agradou. Esse diretor de serviço
achava-se muito distante da fé e, por isto, con-
trariava-lhe as tendências religiosas. Controlava-
va-lhe as horas com rigor e observava-o com
apontamentos acrimoniosos e rudes.

O pregador do Crucificado não mais se mo-
vimentava com a liberdade de outro tempo. Era
obrigado a consagrar largos dias a trabalhos di-
fíceis que lhe consumiam todas as forças. Pro-
seguia, ensinando a boa doutrina, quanto lhe era
possível; porém, não mais podia agir e falar,
como queria ou quando pretendia. Tinha os mi-
nutos contados, as oportunidades divididas, as
semanas tabeladas e, porque se julgasse vítima
das ordenações de sua chefia, procurou o diretor
do serviço e despediu-se.

O proprietário que o empregara indagou do
motivo que o levava a semelhante resolução.

Um tanto irônico, o rapaz explicou-se:
— Quero ser livre para melhor servir a Jesus. Não posso, pois, aceitar o cativeiro de sua casa.

Nesse dia de folga absoluta, sentiu-se tão independente e tão satisfeito que discorreu, animadamente, sobre a doutrina cristã, até depois de meia-noite, em várias casas religiosas.

Reposando, feliz, alta madrugada sonhou que o Mestre vinha encontrá-lo. Reparou-lhe a beleza celeste e ajoelhou-se para beijar-lhe a túnica resplandecente.

Jesus, porém, estampava na fisionomia dolorosa e indisfarçável tristeza.

O discípulo inquietou-se e interrogou:

— Senhor, porque te sentes amargurado?

O Cristo, respondeu, melancólicamente:

— Porque desprezaste, meu filho, a pregação que te confiei?

— Como assim, Senhor? — replicou o jovem — ainda hoje abandonei um homem tirânico para melhor ensinar a tua palavra. Tenho discursado em vários templos e comentado a Boa-Nova por onde passo.

— Sim — exclamou o Mestre, — esta é a pregação que me ofereces e que desejo continues fervorosamente; todavia, confiei ao teu espírito a pregação fundamental da verdade a um homem que administra os meus interesses na Terra e não soubeste executá-la. Classificaste-o de ignorante e cruel; entretanto, olvidas que ele ignora o que sabes. E pretendes, acaso, desconhecer que o orientador humano que te dei sómente poderia abordar-me os ensinos, nesta hora, atra-

vés de teu exemplo? Tua humildade construtiva, no espírito de serviço modificar-lhe-ia o coração... Se lhe desses cinco anos consecutivos de demonstrações evangélicas, estaria preparado a caminhar, por si mesmo, na direção do Reino Divino!... E ele, que determina sobre o tempo de duzentos homens, se faria melhor, mais humano e mais nobre, sem prejuízo da energia e da eficiência... Poderás ensinar o caminho celestial a cem mil ouvidos, mas a pregação do exemplo, que converte um só coração ao Infinito Bem, estabelece com mais presteza a redenção do mundo!...

O aprendiz desejou perguntar alguma coisa; entretanto, o Cristo afastou-se num turbilhão de luminosa neblina.

Acordou, sobressaltado, e não mais dormiu naquela noite.

De manhã, pôs-se a caminho do estabelecimento em que trabalhara, procurou o diretor de quem se despedira e pediu humildemente:

— Senhor, rogo-lhe desculpas pelo meu gesto impensado e, caso seja possível, readmita-me nesta casa! aceitarei qualquer gênero de tarefa.

O chefe, admirado, indagou:

— Quem te induziu a esta modificação?

— Foi Jesus — respondeu o rapaz, — não podemos servi-lo por intermédio da indisciplina ou do orgulho pessoal.

O diretor concordou sem vacilação, exclamando:

— Entre! Estamos ao seu dispor.

Anotou a boa vontade e o sincero desejo de servir de que o empregado dava agora vivo

testemunho e passou a refletir na grandeza da doutrina que assim orientava os passos de um homem no aperfeiçoamento moral. E o aprendiz do Evangelho que retomou o trabalho comum, intensamente feliz, compreendeu, afinal, que poderia prosseguir na propaganda verbal que desejava e na pregação básica do exemplo que Jesus esperava dele.

XXIX

O BARRO DESOBEDIENTE

Houve um oleiro que chegou ao pátio de serviço e reparou com alegria em pequeno bloco de barro. Contemplou-o, enlevado, em face da cor viva com que se apresentava e falou:

— Vamos! Farei de ti delicado pote de laboratório. O analista alegrar-se-á com teu concurso valioso.

— Imensamente surpreendido, porém, notou que o barro retrucava:

— Oh! não, não quero! Eu, num laboratório, tolerando precipitações químicas? por favor, não me toques para semelhante fim!

O oleiro, espantado, considerou:

— Desejo dar-te forma por amor, não por ódio. Sofrerás o calor do forno para que te faças belo e útil... Entretanto, porque te recusas ao que proponho, transformar-te-ei numa caprichosa ânfora destinada a depósito de perfumes.

— Oh! nunca! nunca!... — exclamou o barro — isto não! Estaria exposto ao prazer dos inconscientes. Não estou inclinado a suportar essências, através de peregrinações pelos móveis de luxo.

O dono do serviço meditou muito na desobediência da lama orgulhosa, mas, entendendo que tudo devia fazer por não trair a confiança do Céu, ponderou:

— Bem, converter-te-ei, então, num prato